

## **ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS, LAZER E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS: ESTUDO DE CASO<sup>1</sup>**

*António Maria Martins*

---

### **1. Apresentação do objecto de estudo**

Neste trabalho pretendeu-se conhecer como é que os estudantes universitários ocupam os seus tempos livres e quais as suas práticas socioculturais e, ainda, a intensidade com que ambas ocorrem. Procurou-se, ainda, ver se existem correlações entre esses aspectos com: a área frequentada pelos alunos (bacharelatos, licenciaturas em ensino, licenciaturas em ciências e licenciaturas em engenharia); a sua origem social e cultural; o género; a sua origem geográfica no sentido rural ou urbana; e a condição de serem filhos de emigrantes.

Na base do estudo estiveram dois conjuntos de ideias que enunciamos como hipóteses a confirmar ou infirmar pelos dados.

Primeiro - os estudantes universitários estarão a assumir um papel passivo quer na ocupação dos tempos livres quer nos consumos culturais e nas práticas sociais. Este facto traduzir-se-á pelos baixos índices de tempo que dedicam a ambos e sobretudo porque as suas práticas se inscrevem mais em lógicas ligadas à moda e ao consumo de massas do que em lógicas de auto-afirmação ou circunscritas aos consumos típicos das elites culturais ou de outros grupos estruturados.

Segundo - no seguimento da questão anterior é de supor que a lógica da reprodução social e cultural não seja já definidora da ocupação dos tempos livres, dos consumos culturais e das práticas sociais dos estudantes universitários prevalecendo por um lado a lógica do consumo de massas, sob a aparente individualização das escolhas, e por outro o processo tenderá a ser condicionado pela multiplicidade de experiências (diversas das verificadas no seio do grupo primário) resultantes de trajectórias densas de contactos e influenciadas por variáveis de género, raça, etnia e pela natureza dos espaços (geográficos, sociais, culturais e profissionais) em que a vida do sujeito se desenvolve.

### **2. Metodologia**

Os dados foram recolhidos junto dos alunos do 3ºano de todas as licenciaturas e dos bacharelatos existentes na Universidade onde o estudo foi realizado. Escolhemos o 3º ano por considerarmos ser aquele que melhor tipifica o estudante universitário dada a sua equidistância, quer de outros processos instituídos, especialmente da família, e logicamente com uma trajectória (geográfica, social e cultural) mais significativa, quer dos que se situam a jusante, ligados com a sua inserção no mundo do trabalho e da assunção dos papéis sociais dos adultos.

#### **2.1. Recolha da informação**

Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário no princípio do ano de 1998 durante uma aula. Sempre que o número de alunos presentes era reduzido repetia-se o processo nessa ou em outras aulas frequentadas pelos mesmos alunos até ser atingido um número de respostas com significado estatístico.

---

<sup>1</sup> Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro  
[Amartins@dce.ua.pt](mailto:Amartins@dce.ua.pt); 351 234 370 629

## 2.2. O Universo e a amostra

O universo, como antes foi dito, é constituído por todos os alunos do 3º ano e de todas as licenciaturas e bacharelatos existentes na Universidade num total de 1271 (cf. quadro 1).

A amostra é estratificada sendo constituída por 598 alunos, representando 47.0% do universo (cf. quadro 1). Conforme se pode constatar no quadro antes referido, a representatividade é significativa em todos os estratos criados e com significado estatístico.

Quadro 1 - Estrutura do Universo e da Amostra

ÁREA DE FORMAÇÃO	UNIVERSO						AMOSTRA						Peso da Amostra %
	TOTAL		Sexo				TOTAL		Sexo				
			Masculino		Feminino				Masculino		Feminino		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
1. Bach. em Ensino	61	4,8	8	1,4	53	7,6	31	5,2	0	0,0	31	8,4	50,8
2. Lic. em Ensino	381	30,0	89	15,6	292	41,8	198	33,1	43	18,7	155	42,1	52,0
3. Lic. em Engenharia	478	37,6	338	59,1	140	20,0	189	31,6	129	56,1	60	16,3	39,5
4. Lic. em Ciências	234	18,4	86	15,0	148	21,2	133	22,2	46	20,0	87	23,6	56,8
5. Lic. em Com. e Arte	40	3,1	11	1,9	29	4,1	17	2,8	2	0,9	15	4,1	42,5
6. Lic. em Ec. e Gestão	77	6,1	40	7,0	37	5,3	30	5,0	10	4,3	20	5,4	39,0
Total	1271	100,0	572	100,0	699	100,0	598	100,0	230	100,0	368	100,0	47,0

## 3. Limites do estudo

Um trabalho desta natureza terá de ser visto sempre como uma abordagem parcelar de uma realidade complexa, só explicável através de uma multiplicidade de variáveis estruturais e equacionadas por referência a todo o processo e não apenas à sua equação pelos agentes directos, como foi o caso deste estudo. Um outro limite advém de se tratar de um estudo de caso e como tal impeditivo de se fazerem generalizações para outros contextos que não a Universidade onde o estudo foi realizado.

Estes limites não invalidam, de qualquer forma, o sentido que os dados, nas suas dimensões objectivas e subjectivas, exprimem.

## 4. Apresentação dos resultados

Os dados serão apresentados de forma descritiva procurando-se sempre que possível proceder-se à sua interpretação sociológica.

No tratamento dos dados recorreremos a uma análise estatística elementar: frequências absolutas e relativas; medidas de localização (médias simples e ponderadas); medidas de dispersão (variância e desvio padrão).

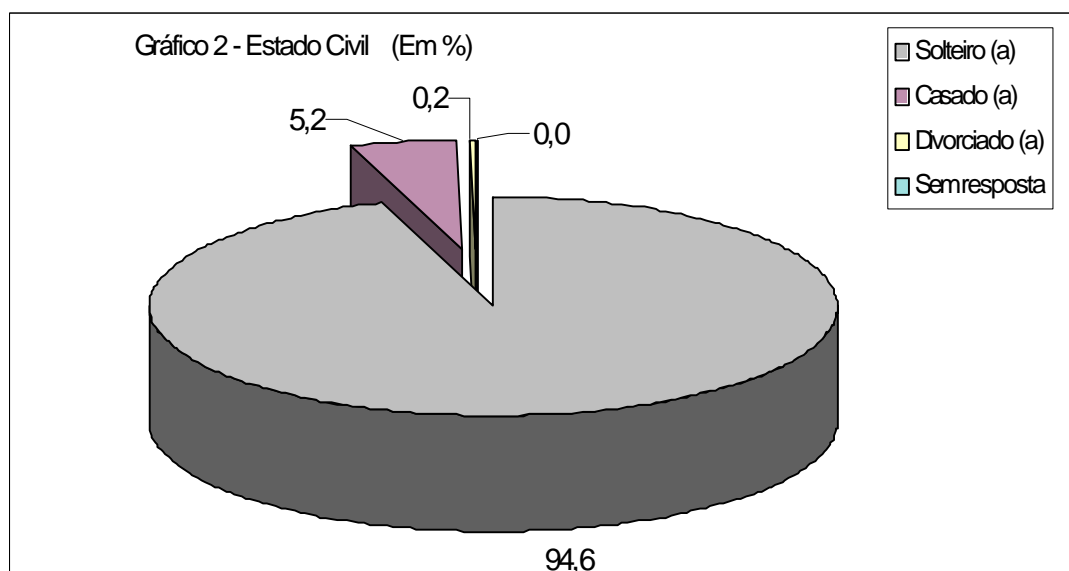
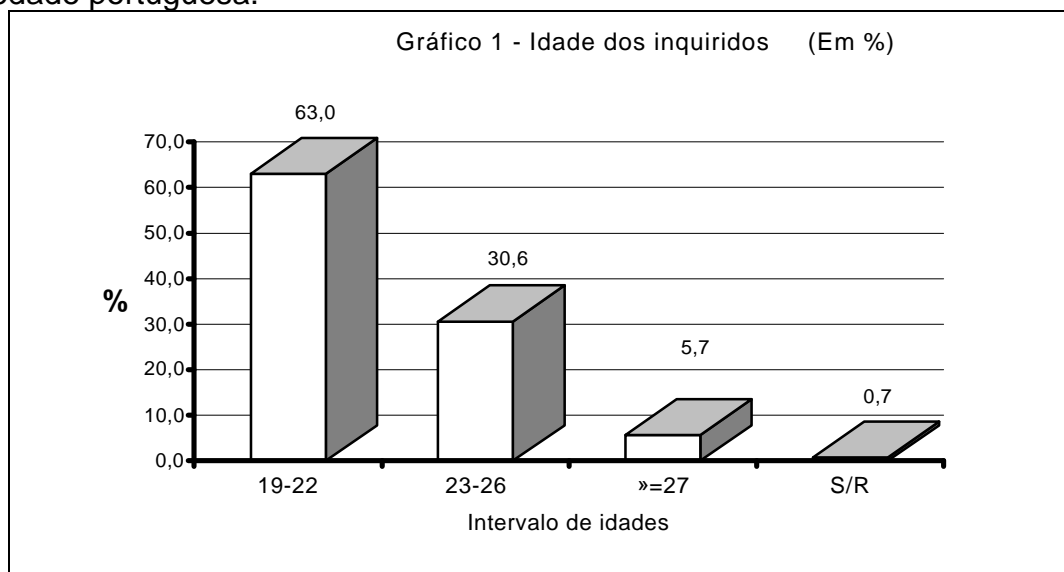
### 4.1. Caracterização sócio-demográfica

#### 4.1.1. Identificação da população

Os alunos inquiridos têm idades, na quase totalidade dos casos, abaixo dos 26 anos (93.2%) e, como seria de esperar, 63.0% tem mesmo menos de 22 anos (cf. gráfico 1). A maioria, 94.6%, são solteiros (cf. gráfico 2) e 86.8% tem um ou mais irmãos (cf. gráfico 3).

A inexistência de irmãos relaciona-se, de alguma forma, com a profissão do pai, o seu nível de instrução e a origem geográfica dos alunos. Nos dois primeiros casos a tendência, apesar de ténue, é de casais com profissões e instrução de nível médio terem menos filhos do que os extremos. Quanto à (co)relação entre origem geográfica e o número de casais com mais de um filho verifica-se ser superior nos meios rurais do que nas vilas e ainda mais significativa do que nas cidades.

Estes dados não surpreendem e tratando-se de alunos a frequentar o ensino superior (e por conseguinte já sujeitos a um processo de selecção social e escolar) é de supor que as tendências, antes referidas, sejam mais acentuadas na sociedade portuguesa.



#### 4.1.2. Origem geográfica

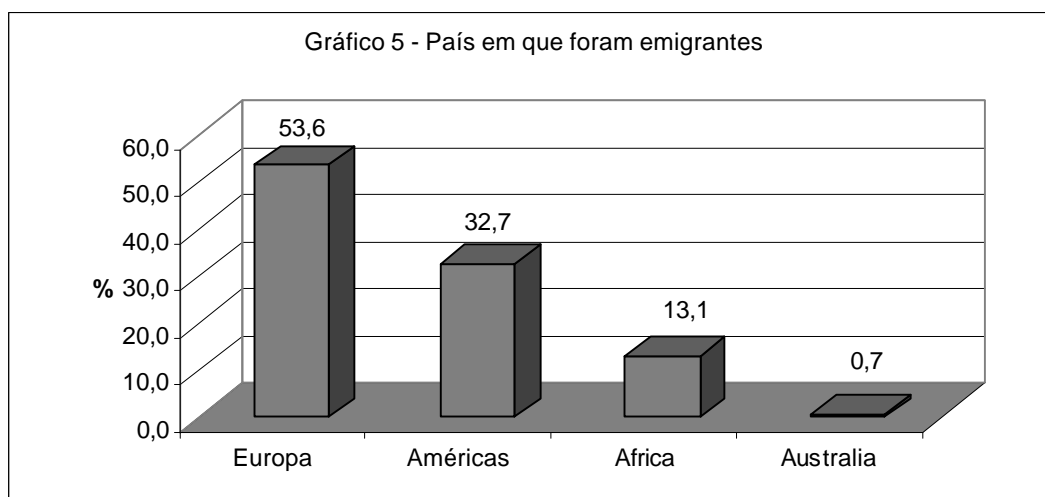
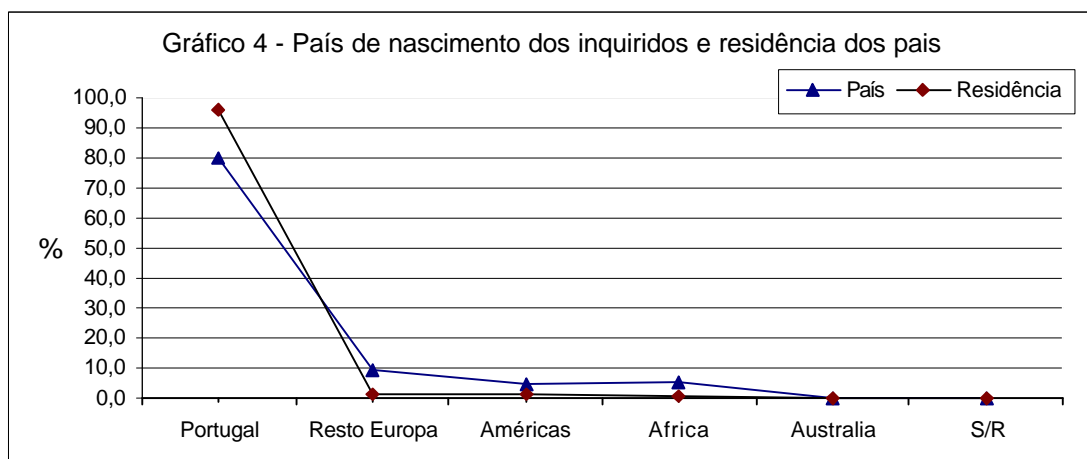
De acordo com os gráficos 4 e 5, verifica-se que um elevado número de alunos referiu ter nascido no estrangeiro e, por conseguinte, os pais serem ou terem sido emigrantes (25.6%). Relacionando a residência actual dos pais com o país de nascimento dos alunos verifica-se, por referência ao gráfico 4, que o regresso é da família e não apenas dos filhos para estudar. Os países da Europa,

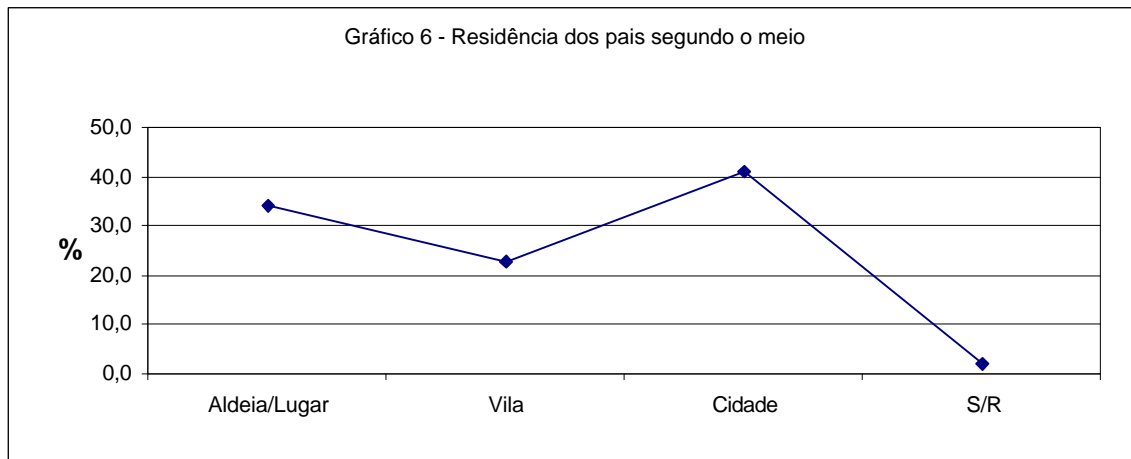
com 53.6%, e das Américas, com 32.6%, são os mais referidos quanto à proveniência dos alunos filhos de pais emigrantes (cf. gráfico. 5).

A origem dos alunos quanto à variável rural/urbano é bastante equilibrada, com domínio da cidade (41.0%) sobre a aldeia/lugar (34.3%) e das vilas (22.6%) (cf. gráfico 6).

Como é evidente a origem social dos alunos (identificada através da profissão do pai) encontra-se relacionada com a sua origem rural/urbana: a posição social dos alunos mais elevada encontra-se entre os originários do meio urbano. Verifica-se também uma relação entre a origem social e a condição de emigrante, uma vez que parece ser nas camadas populares, nomeadamente nos grupos profissionais dos ofícios e dos assalariados agrícolas e das empresas, que se regista maior número de emigrantes. As clivagens entre os alunos são ainda mais significativas quando se observa a relação entre o nível de instrução do pai e a origem rural/urbana, por um lado, e a condição de emigrante, por outro. Assim, o nível de instrução do pai mais baixo encontra-se nas aldeias e nos lugares por oposição à cidade e entre aqueles que foram emigrantes.

Importa realçar o elevado número de alunos filhos de emigrantes e o assinalável retorno da família e não apenas de alguns dos seus membros para estudar. Um segundo aspecto a reter é a dicotomia entre o rural e o urbano, que ainda persiste, bem assim como entre o ser-se ou não emigrante quanto às variáveis consideradas, isto é, profissão e instrução dos pais dos alunos inquiridos. Quanto a estes aspectos, o ser-se originário do meio rural e emigrante apresenta os piores resultados.





#### 4.1.3. Origem sociocultural

Da análise do gráfico 7 constata-se que os indivíduos do sexo masculino (pais dos inquiridos) apresentam valores de desempenho profissional superior aos indivíduos do sexo feminino (mães dos inquiridos) em todas as profissões à excepção de professores, assalariados indiferenciados e, sobretudo, quanto à condição de doméstica.

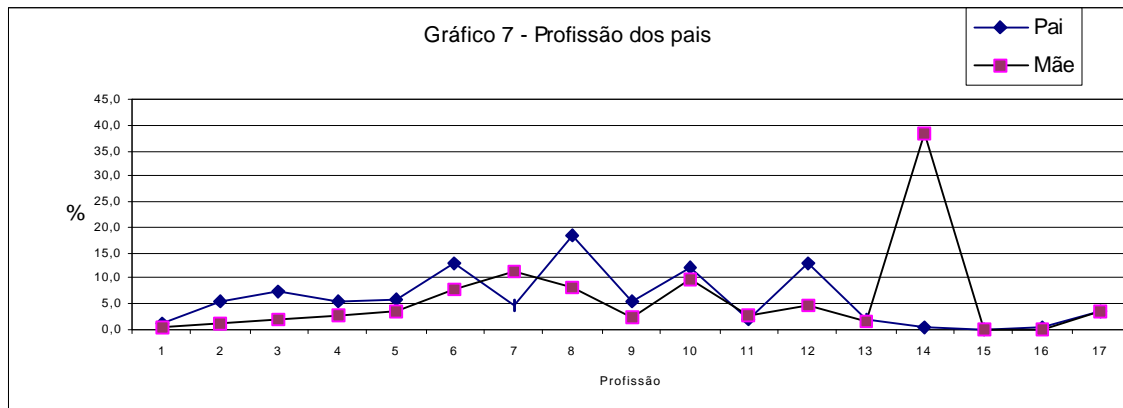
Quanto aos níveis de instrução existe um certo equilíbrio entre os pais e as mães dos inquiridos com uma ligeira desvantagem para estas (cf. gráfico 8).

Quando (co)relacionamos a área de estudos frequentada pelos alunos com a profissão e com a instrução do pai não se verificam resultados muito marcantes, sendo possível, no entanto, encontrar algumas incidências que importa referir.

Os filhos de pais com profissões e com níveis de instrução mais baixos concentram-se preferencialmente nos bacharelatos, nas licenciaturas em ensino e em economia e gestão; os filhos de pais com profissões e com níveis de instrução mais elevados frequentam em maior número as áreas das licenciaturas em comunicação e arte, em ciências e, sobretudo, em engenharia.

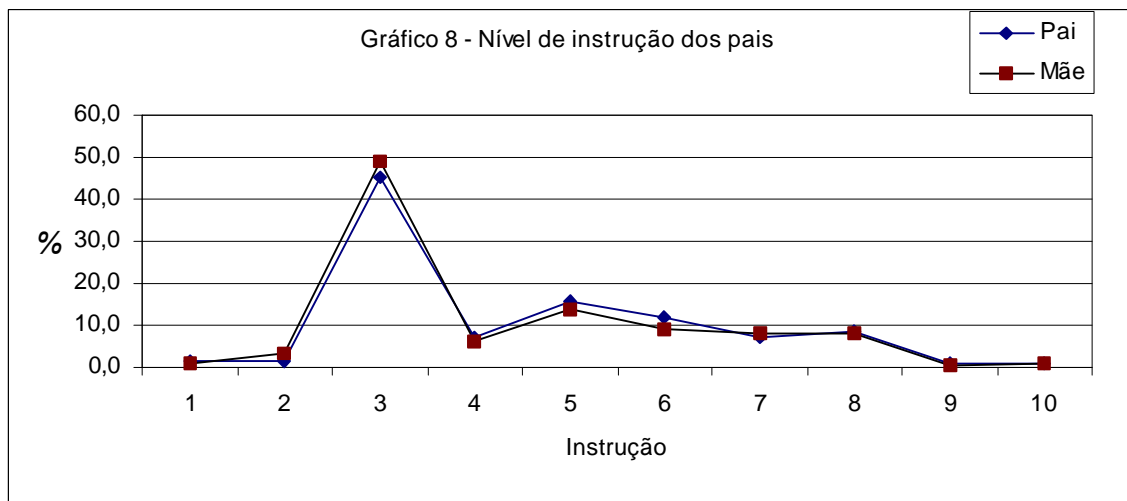
Os dados mostram-nos que o carácter reprodutor da sociedade por classe ou por grupos de indivíduos se está a esbater na sociedade portuguesa, não obstante ser ainda possível vislumbrar essa característica. Assim, os grupos sociais mais débeis económica e culturalmente terão aspirações e perspectivas mais reduzidas do que os elementos de grupos mais consistentes quanto à posse daqueles elementos. Este aspecto é visível não apenas quando escolhem cursos com menos prestígio e que dão acesso a empregos pior remunerados, como é o caso dos Bacharelatos, como quando procuram cursos que garantem uma certa estabilidade quanto à entrada no sistema de emprego, como é o caso das licenciaturas em ensino<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Para mais informação ver: Arroteia Jorge Carvalho; Martins, António Maria (1998). Inserção profissional dos diplomados pela Universidade de Aveiro: trajectórias académicas e profissionais. Aveiro: Univ. de Aveiro (Col. Univ. Hoje).



Chave

- 1 - Dirigentes superiores do Estado e de organismos públicos
- 2 - Empresários, administradores e dirigentes de empresas com 10 ou mais trabalhadores
- 3 - Empresários e gerentes de empresas com menos de 10 trabalhadores
- 4 - Profissões liberais
- 5 - Quadros e técnicos superiores dos sectores público e privado
- 6 - Quadros técnicos intermédios dos sectores público e privado
- 7 - Professores
- 8 - Trabalhadores por conta própria no comércio serviços e actividades industriais
- 9 - Agricultores e pescadores independentes
- 10 - Empregados de escritório, do comércio e serviços
- 11 - Assalariados indiferenciadas dos serviços públicos e domésticos
- 12 - Operários
- 13 - Assalariados agrícolas e das empresas
- 14 - Doméstica (o)
- 15 - Estudante
- 16 - Não sabe
- 17 - Não responde



Chave

1. Não sabe ler nem escrever
2. Sabe ler e escrever mas sem diploma
3. Ensino básico primário (4ª classe)
4. Ensino básico preparatório (antigo 2º ano)
5. Ensino secundário geral ou equivalente (antigo 5º ano liceal ou técnico)
6. Ensino secundário complementar (antigo 7º ano)
7. Antigo ensino médio e actual superior politécnico (bacharelatos)
8. Ensino superior Universitário (licenciado, mestre ou doutor)
9. Não sabe
10. Não responde

## 4.2. Ocupação dos tempos livres e consumos culturais

Procurou-se neste ponto conhecer como é que os alunos ocupam os seus tempos livres, as suas práticas sociais e culturais e a intensidade com que elas ocorrem. Procurou-se, ainda, perceber se existe diferenciações nestes comportamentos em função: da área e do curso frequentados pelos alunos; da sua origem social e cultural; do género; da condição de se ser filho de emigrante; e da sua origem geográfica no sentido de ter nascido numa aldeia, vila ou cidade. Enquanto que o desenvolvimento da primeira questão será feito acompanhado pelos dados, no segundo caso, fazem-se considerações baseados nos resultados do estudo realizado sem que estes estejam aqui presentes, por falta de espaço <sup>3</sup>.

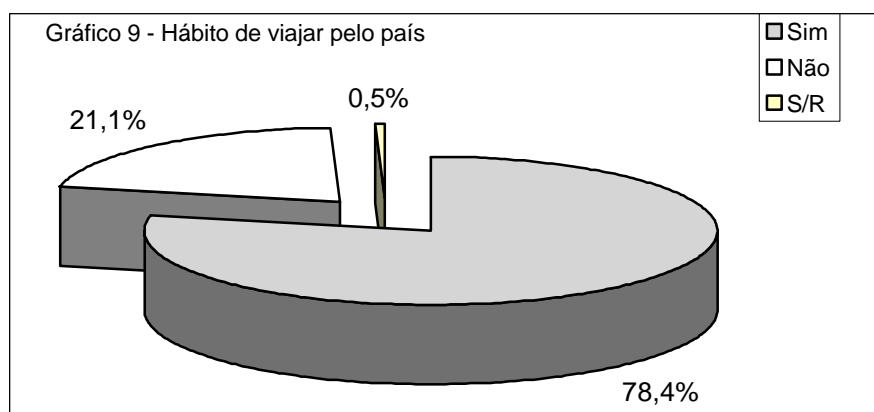
### 4.2.1. Ocupação dos tempos livres

De acordo com os dados do gráfico 9, 78.4% dos alunos inquiridos referiu viajar com alguma frequência dentro do país. Depois de catalogados os lugares mais apreciados as vilas e o campo foram os mais referidos por oposição às cidades (cf. gráfico 10). Este processo de privilegiar urbanizações de pequena dimensão, o campo e o mar trata-se do processo inverso ao que dominou toda a sociedade industrial, em que as aspirações para o desenvolvimento de actividades, para viver e passear se centravam no urbano criando um sistema de representações positivo que parece não se verificar entre os jovens da nossa amostra.

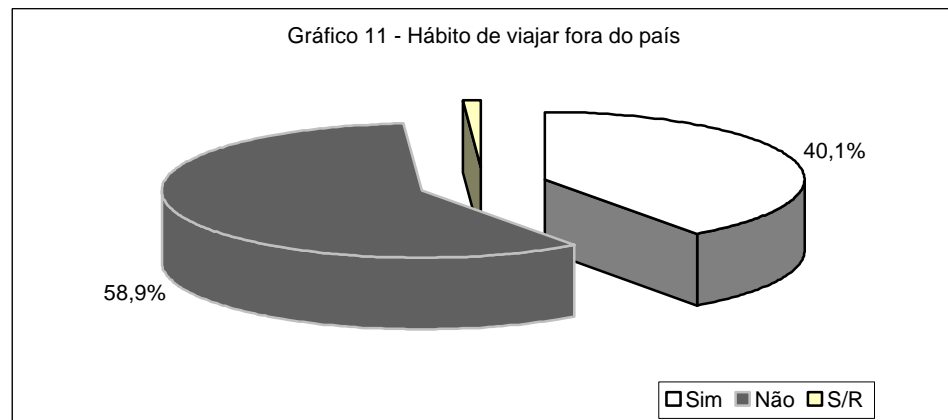
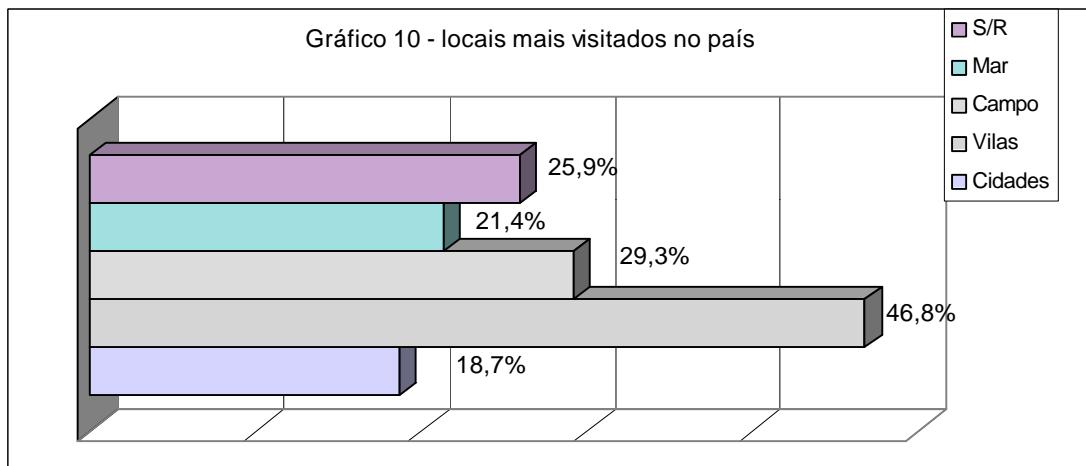
Verifica-se alguma relação entre a profissão e o nível de instrução do pai dos inquiridos e o hábito de viajar pelo país. Como seria de esperar, os filhos de pais com um nível de instrução mais elevado e com uma profissão de maior prestígio social viajam mais do que os outros.

Quando se trata de viajar fora do país, os valores são mais modestos já que apenas 40.1% referiu esse facto (cf. gráfico 11). Aqui, a relação entre o nível de instrução do pai e o prestígio social da sua profissão e o hábito de viajar fora do país é ainda mais significativa do que na situação antes referida. Os valores encontrados seriam ainda mais significativos se não se tivessem contemplado os emigrantes.

Dos países mais visitados, a Espanha, a França e a Inglaterra são os mais referidos especialmente o primeiro.



<sup>3</sup> Para informação estatística mais detalhada ver: Martins, António Maria; Arroeteia Jorge Carvalho; Gonçalves, Maria Manuela (1999). *Práticas socioculturais e escolares dos estudantes universitários: estudo de caso*. Aveiro: Univ. de Aveiro (Col. Univ. Hoje).



Quanto à ocupação dos tempos livres e de acordo com os valores médios presentes no gráfico 12 a música, a televisão e o convívio com os amigos ocupam lugar de destaque. Por sua vez a ida ao cinema, a espectáculos e a frequência de associações culturais, especialmente esta, ocupam um lugar de fraca importância na ocupação dos tempos livres dos estudantes inquiridos. Verifica-se também uma grande dispersão na ocupação dos tempos livres especialmente na prática desportiva ( $sd=1.8$ ), na leitura de livros ( $sd=1.6$ ) e na frequência de bares e discotecas ( $sd=1.6$ ).

A relação entre a ocupação dos tempos livres e a profissão do pai, bem como o seu nível de instrução assume valores com algum significado e que importa referir: os filhos dos dirigentes superiores do Estado e de organismos públicos têm o seu tempo livre mais preenchido com diversas actividades ( $\xi = 4.4$ ); os que registam menor valor de actividades são os filhos dos assalariados indiferenciados dos serviços públicos e domésticos ( $\xi = 3.3$ )<sup>4</sup>. No que se refere ao género nota-se que as alunas preenchem ligeiramente mais os seus tempos livres do que os alunos (3.9 contra 3.8), excepto no que respeita à prática desportiva, à frequência de bares e discotecas, bem como espectáculos o que indicia que as raparigas ficam mais em casa, indiciando uma atitude ainda tradicional no seguimento daquilo que é o papel da mulher e da forma como deve comportar-se.

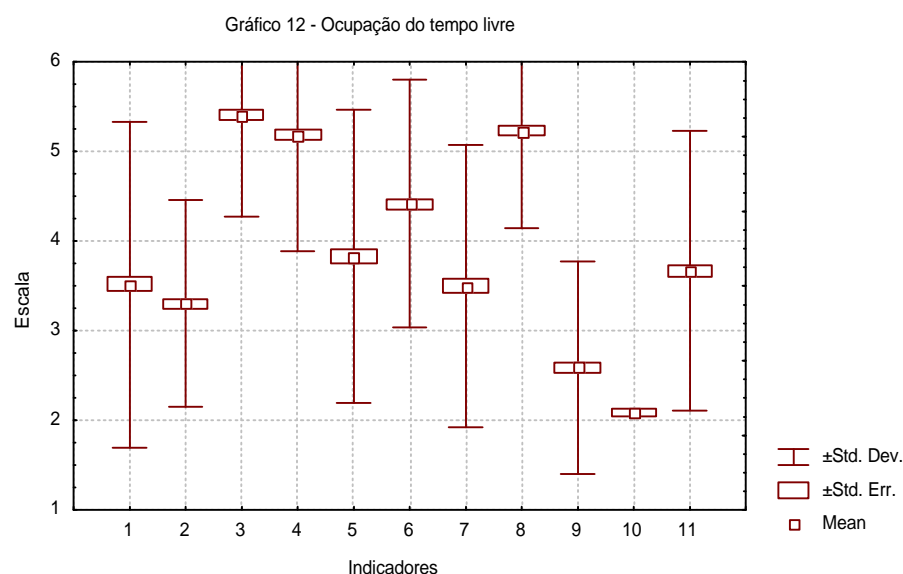
Como seria de esperar, os alunos da cidade registam uma média de ocupação dos tempos livres, em geral, mais alta do que os alunos provenientes de vilas ou de aldeias (4.0; 3.9; 3.8, respectivamente). Relativamente ao facto de

<sup>4</sup> Os valores oscilam entre 1 e 6 em que 1 significa "nunca ou quase nunca" e 6 significa "algumas vezes por semana" (conf. legenda gráfico 12).



ter sido emigrante ou não verifica-se que os alunos que nunca foram emigrantes têm o seu tempo livre mais ocupado, no geral (3.9 contra 3.7).

Chave/indicadores



- 1 - Praticando desporto
- 2 - Vendo cinema
- 3 - Ouvindo música
- 4 - Vendo televisão/vídeo
- 5 - Lendo livros
- 6 - revistas e jornais
- 7 - Frequentando bares/discotecas
- 8 - Convivendo com amigos
- 9 - Frequentando espectáculos
- 10 - Frequentando associações culturais
- 11- Passeando / ver montras

**Chave:**

1. nunca ou quase nunca
2. duas ou três vezes por ano;
3. em média uma vez por mês
4. duas ou três vezes por mês
5. em média uma vez por semana
6. algumas vezes por semana

#### 4.2.2. Consumos culturais

Procurou-se ver quais os consumos culturais dos estudantes universitários e a sua intensidade no que respeita: ao hábito e tipo de leituras; ao hábito e tipo de música consumida; ao hábito de ver televisão e de assistir a espectáculos; ao hábito e tipo de desporto praticado. Procurou-se ainda ver se existem (co)relações entre estes tipos de consumos e os diferentes grupos de alunos segundo a área e o curso frequentados, o género, a origem geográfica, a condição de emigrante e a sua origem cultural e económica.

##### Leitura

Os hábitos de leitura são em termos de média geral bastante baixos ( $\xi=3.4$ ), isto é, um aluno lê em média, uma ou duas vezes por mês um ou mais tipos de suportes informativos, para além dos seus estudos. De acordo com o gráfico 13 verifica-se que se lê pouco de tudo com destaque para os livros de poesia, teatro, crítica e ensaio (2 ou 3 vezes por ano). Os suportes de informação mais lidos são os jornais e as revistas, mas mesmo nestes casos refere-se que a intensidade das leituras é de 2 a 3 vezes por mês. Verifica-se, e de acordo com os dados do gráfico antes referido, uma grande dispersão entre os alunos quanto aos seus hábitos de leitura.

Os hábitos de leitura são baixos em geral e em todos os grupos de alunos existem contudo algumas tendências, que apesar de ligeiras, importa referir:

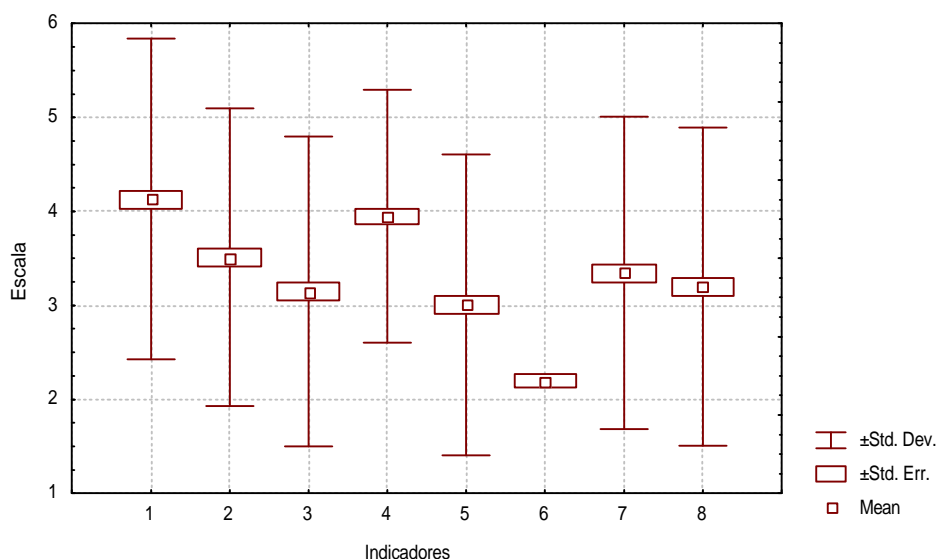
- os inquiridos do sexo masculino, os originários das aldeias e das vilas e os filhos de emigrantes referem ler menos do que os correspondentes subgrupos;

- os inquiridos filhos de pais com mais instrução e com profissões de maior rendibilidade e estatuto referem ler ligeiramente mais do que os outros;
- por cursos, os alunos do bacharelato em professores do ensino básico, os das licenciaturas em música e das novas tecnologias da comunicação são os que mais referem hábitos de leitura. Na situação oposta encontram-se os alunos das licenciaturas em ensino da matemática, e das engenharias.

Na leitura de jornais e revistas os assuntos ligados à informática são aqueles que os inquiridos em maior número (31.4%) referem procurar em primeiro lugar (cf. quadro 2) e, em menor número, os assuntos ligados à moda e ao “jet-set” (10.7%).

Existe alguma variação nestes consumo segundo o sexo dos inquiridos. Neste sentido, os inquiridos do sexo masculino consomem mais literatura ligada à informática e os do sexo feminino ligada à moda e ao “jet-set”. Nos outros casos, não é possível estabelecer (co)relações com algum significado entre os alunos dos grupos formados e a escolha dos assuntos consultados em primeiro lugar.

Gráfico 13 - Hábitos de leitura

**Chave:**

1. Jornais diários de informação geral
2. Semanários de informação geral
3. Diários e semanários de especialidade
4. Revistas
5. Livros: romance, ficção, policiais (...)
6. Livros de poesia, teatro, crítica e ensaio
7. Científicos e técnicos
8. Outros

**Chave:**

1. nunca ou quase nunca
2. duas ou três vezes por ano;
3. em média uma vez por mês
4. duas ou três vezes por mês
5. em média uma vez por semana
6. algumas vezes por semana

Quadro 2 – Assuntos consultados em primeiro lugar nos jornais e revistas

Assuntos	Referências	
	N	%
Assuntos económicos	122	20,4
Assuntos de política	126	21,1
Assuntos ligados à informática	188	31,4
Assuntos ligados à moda	91	15,2
Assuntos ligados ao "jet-set"	64	10,7
Crítica literária de cinema	161	26,9
Outro	181	30,3
Total/Amostra	598	100,0

## Música

A influência da música estrangeira continua a ser dominante entre nós, já que a sua audição aparece de forma destacada entre os alunos inquiridos (cf. quadro3). Assim e de acordo com os dados presentes no quadro antes referido, 61.0%, 37.5% e 18.6% referiram ouvir com mais frequência música, ligeira e rock, estrangeira e música brasileira, pela mesma ordem. Entre a música portuguesa, o rock, com 26.4%, e a música de intervenção com, 15.9%, foram as mais referidas.

Existe alguma diferenciação nos hábitos dos alunos inquiridos:

- os alunos do sexo masculino ouvem mais jazz e mais rock estrangeiro. Os alunos do sexo feminino ouvem proporcionalmente mais música, especialmente música clássica, música brasileira, música portuguesa de intervenção e música ligeira estrangeira;
- existe um certo equilíbrio entre os consumos de música segundo a origem geográfica embora se verifiquem algumas tendências no sentido do consumo de música clássica, jazz e música brasileira ser menos frequente entre os alunos das aldeias relativamente aos das cidades e, inversamente, do consumo de rock português e música ligeira estrangeira ser mais significativo entre os primeiros;
- os alunos filhos de pais emigrantes referem ouvir menos música de todos os tipos à excepção da música ligeira estrangeira e de outro tipo;
- por último, a origem cultural não influencia significativamente o tipo de música ouvida.

Importa destacar destes dados: a ainda dominância da música estrangeira sobre a música portuguesa; a existência de uma certa homogeneidade nos consumos de música, quer segundo a condicionante geográfica, quer cultural; a influência do género e a de se ser filho de pais emigrantes.

Quadro 3 – Tipo de música ouvida e a frequência

	Referências	
	N	%
Música clássica	106	17,7
Jazz	52	8,7
Música brasileira	111	18,6
Música tradicional portuguesa	6	1,0
Música port. de intervenção	95	15,9
Música portuguesa	8	1,3
Rock português	158	26,4
Rock português	158	26,4
Música ligeira estrangeira	365	61,0
Outro tipo	113	18,9
Total da Amostra	598	100,0

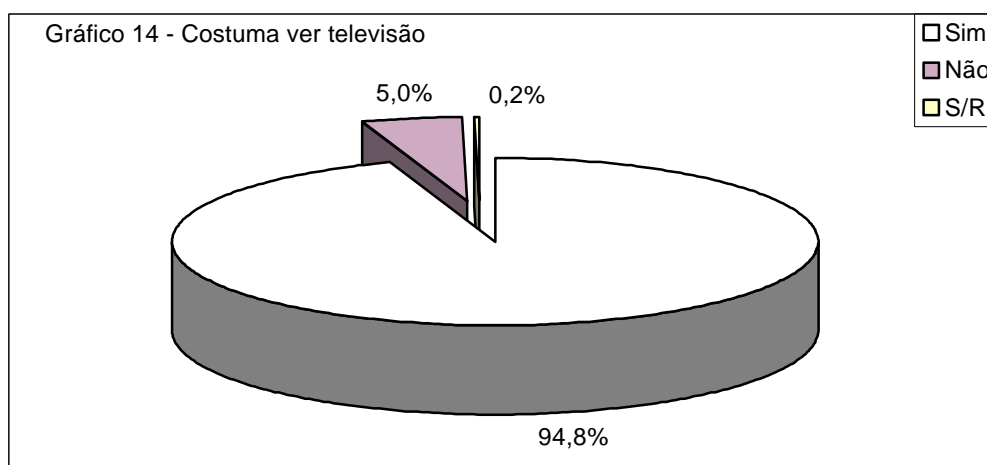
## Televisão

Como seria de esperar, a maioria dos alunos inquiridos costuma ver televisão com alguma regularidade, facto referido por 94.8% (cf. gráfico 14). Os noticiários e os filmes ocupam o primeiro e o segundo lugar com 74.1% e 60.2% de referências (cf. quadro 4).

Este fenómeno de ver televisão encontra-se generalizado em todos os grupos de alunos embora se verifiquem algumas variações ligeiras: os inquiridos do sexo feminino, os filhos de pais emigrantes e originários de aldeias e de pequenas vilas referiram ver mais televisão do que os restantes. O curso frequentado bem assim como a origem cultural não nos fornecem qualquer tendência digna de registo.

O tipo de programas vistos varia de forma significativa com o género, sendo que os documentários científicos e o desporto são mais referidos pelos inquiridos do sexo masculino enquanto que as telenovelas, os debates e entrevistas, os concursos e os noticiários são mais vistos pelos inquiridos do sexo feminino. Não se verificam tendências com significado com a origem geográfica e cultural bem assim com a condição de se ser filho de emigrante.

Constata-se assim o elevado número de alunos que vê televisão com regularidade, sendo este um fenómeno generalizado a todos os grupos de alunos independentemente do género, da origem geográfica e cultural e do facto de serem ou não filhos de emigrantes. A diferenciação em termos daquilo que é visto também não sofre grandes variações a não ser com o sexo.



Quadro 4 – Programas de televisão mais vistos

Programas	N	%
Noticiários	443	74,1
Debates e entrevistas	216	36,1
Documentários científicos	200	33,4
Desporto	175	29,3
Concursos	35	5,9
Telenovelas	197	32,9
Filmes	360	60,2
Outros	37	6,2

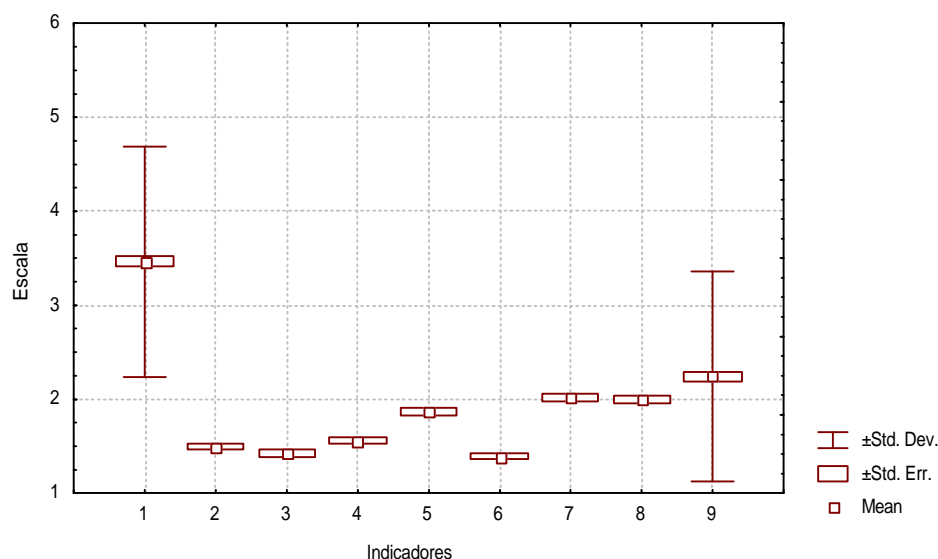
## Espectáculos

A frequência de espectáculos pelos alunos inquiridos apresenta valores bastante baixos em quase todos os tipos (cf. gráfico 15): teatro; concertos de música clássica; espectáculos de dança/bailado; concertos de música popular; festas populares; visita a museus; exposições de arte; e exposições/não de arte. Os quatro primeiros tipos de espectáculos só raramente são vistos, sendo esse facto comum à maioria dos inquiridos. Os restantes quatro tipos foram vistos em média 2 a 3 vezes por ano. Ainda de acordo com os dados presentes no gráfico antes referido, o cinema ocupa a primeira posição ao ser frequentado em média entre 1 a 2 vezes por mês. Estes valores sofrem poucas alterações entre os diferentes subgrupos criados e até segundo o género.

A explicação para este baixo índice de consumo cultural não pode residir apenas na não existência destes produtos na cidade mas também na fraca apetência que residirá nas motivações dos jovens e da sua ligação a fenómenos mais mediáticos e que se impõem não deixando margem de escolha ao público em geral e também aos estudantes universitários.

### Chave/indicadores

Gráfico 15 - Frequência de espectáculos



- 1 - ao cinema
- 2 - ao teatro
- 3 - a concertos de música clássica
- 4 - a concertos de música popular
- 5 - a festas populares
- 6 - a espectáculos de dança/bailado
- 7 - a museus
- 8 - a exposições de arte
- 9 - a exposições/não de arte

### Chave/Escala:

- 1. nunca ou quase nunca
- 2. duas ou três vezes por ano;
- 3. em média uma vez por mês
- 4. duas ou três vezes por mês
- 5. em média uma vez por semana
- 6. algumas vezes por semana

## Desporto

Do total dos alunos inquiridos 30.3% referiu não praticar qualquer actividade desportiva (cf. quadro 5). Dos que praticam desporto, a ginástica, a natação e o futebol com 20.6%, 17.6% e 15.4%, respectivamente, foram os mais referidos.

A prática de desporto bem assim como o tipo praticado não se apresenta de forma homogénea variando em função dos estratos criados:

- os inquiridos do sexo masculino praticam em média mais desporto, particularmente futebol, ténis, atletismo e outras modalidades não especificadas. Por sua vez os inquiridos do sexo feminino praticam mais ginástica e natação;
- os inquiridos das cidades praticam em média mais desporto do que os provenientes ou das aldeias ou de vilas, particularmente nas modalidades do ténis, da ginástica, da natação e de outras modalidades não especificadas, embora pratiquem menos futebol e atletismo;
- os inquiridos filhos de emigrantes praticam em média menos desporto e em quase todas as modalidades exceptuando-se o futebol, o atletismo e de forma muito ligeira o ténis;
- por último existe alguma (co)relação entre a prática ou não de desporto bem assim como o tipo praticado e a origem cultural e económica dos inquiridos, no sentido de valores mais elevados de prática desportiva entre os filhos de pais com mais instrução e com profissões de maior estatuto e rendas verificando-se ainda que essa prática é mais significativa no ténis e no hipismo e menos no futebol e no atletismo.

Estes dados mostram-nos por um lado o significativo número de alunos universitários que não pratica qualquer desporto (30.3%) e, por outro lado, o baixo peso da prática de modalidades com maior prestígio social. Importa ainda reter que a prática desportiva em geral e o tipo de modalidades desenvolvidas não se apresentam uniformes entre os estratos de que é constituída a nossa amostra, especialmente no caso do género.

Quadro 5 - prática desportiva

Prática de desporto	Referências	
	N	%
Não pratica nenhum desporto	181	30,3
Futebol	92	15,4
Ténis	30	5,0
Natação	105	17,6
Ginástica	123	20,6
Hipismo	7	1,2
Atletismo	52	8,7
Judo / karaté / aikido	17	2,8
Outro	90	15,1
Total da amostra	598	100,0

### 4.3. Práticas sociais

Neste ponto pretende-se conhecer os alunos universitários quanto a um conjunto de aspectos ligados às suas práticas sociais no domínio da religião, da política e da sua vida sexual.

#### Religião

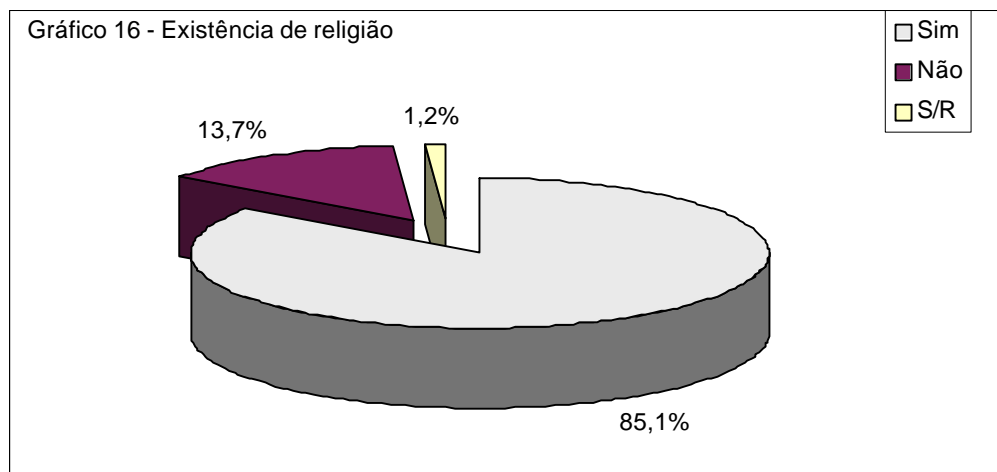
De acordo com os dados do gráfico 16, a maioria dos inquiridos (85.1%) refere ter algum tipo de religião, sendo que destes a quase totalidade (98.0%) pertence à religião católica (cf. quadro 6).

Dos inquiridos que referiram pertencer a alguma religião, 43.7% afirmou ser praticante regular, 36.8% praticante ocasional e 19.6% apesar de serem crentes não desenvolvem qualquer prática religiosa (cf. gráfico 17).

Estes valores sofrem alterações com algum significado entre os diferentes estratos que importa equacionar:

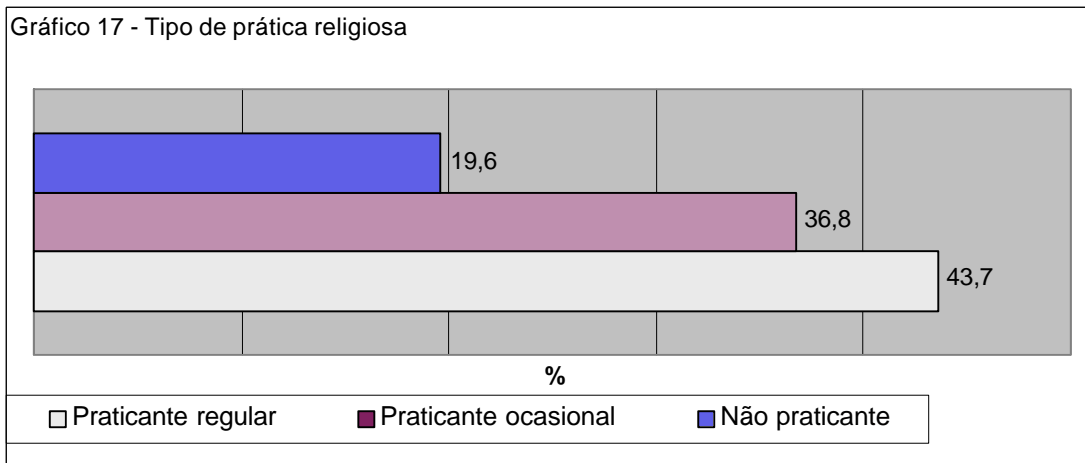
- os inquiridos do sexo feminino referem em maior número ter algum tipo de religião e é também entre estes que a prática regular da actividade religiosa é mais elevada;
- a existência de religião é superior entre os inquiridos das aldeias relativamente aos das vilas e ainda mais aos das cidades. Esta tendência mantém-se quanto a ser-se praticante ou não;
- os inquiridos filhos de emigrantes apresentam-se também como um grupo que refere índices mais elevados de religiosidade quer quando afirmam que têm uma religião quer no facto de serem praticantes ou não;
- verifica-se também que as tendências antes referidas variam com a origem cultural e económica dos alunos no sentido da maior religiosidade, quanto aos indicadores ter religião e ser praticante regular, apresentar valores mais significativos entre os inquiridos filhos de pais com menor instrução e com as profissões de estatuto social e material mais baixos.

Os dados mostram, por um lado, o peso da tradição traduzida no pertencer-se à religião dominante e, por outro, lado a fraca participação dos sujeitos nas práticas instituídas. Importa ainda reter o carácter heterogéneo da pertença a uma religião e da intensidade das práticas com o sexo, o ser-se filho de emigrante e com a origem geográfica, social e cultural.



Quadro 6 - Religião a que pertencem

Religião	N	%
Católica	499	98,0
Muçulmana	1	0,2
Testemunha de Jeová	3	0,6
Evangelista Baptista	2	0,4
Budismo	1	0,2
Metodista Wesleyana	1	0,2
Adventista do 7º dia	1	0,2
Igreja Universal do Reino de Deus	1	0,2
Total	509	100,0





## Política

A maioria dos inquiridos referiu ter já votado alguma vez (86.5%) e em menor número (66.7%) afirmam ter algum tipo de interesse pela vida política nacional (cf. quadro 7). De acordo com os dados presentes no quadro antes referido a participação cívica com 14.2% e a participação na política local com 10.4% de referências apresentam-se menos atractivas para os inquiridos. Relativamente à participação na vida política da Universidade apenas 6.0% respondeu afirmativamente.

Os inquiridos do sexo masculino apresentam valores mais elevados de participação política em todas as modalidades antes referidas. Quanto às (co)relações entre participação e a origem geográfica e cultural e o serem os inquiridos filhos de emigrantes, as tendências assumem valores com pouco significado mas que, apesar disso, importa referir:

- Os inquiridos provenientes das vilas referem uma menor actividade política relativamente aos provenientes das aldeias e ainda mais dos das cidades;
- Os inquiridos filhos de emigrantes referem uma menor actividade política excepto na vida da Universidade;
- No que respeita à origem cultural, existem variações, sem ser possível contudo estabelecer tendências estabilizadas. Destaque-se, apesar de tudo, que os alunos cujos pais são graduados pelo ensino superior apresentam os níveis de participação política mais elevados, à excepção daquilo que se refere á vida política nacional.

Os dados permitem identificar alguma intensidade de participação política a nível nacional o que não se verifica ao nível local e da própria Universidade, onde seria de esperar que a intervenção directa se verificasse.

Quadro 7 – Participação política

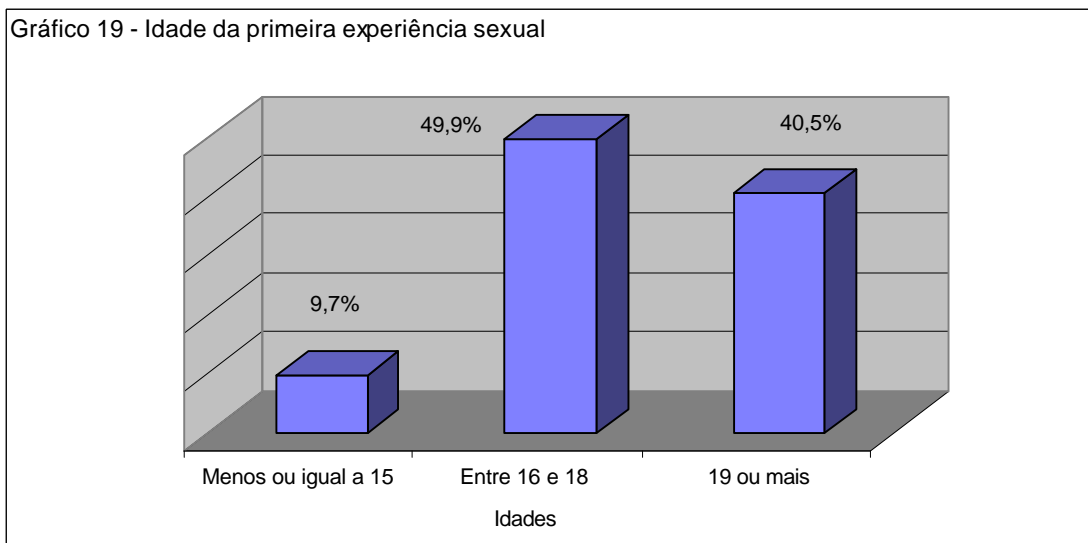
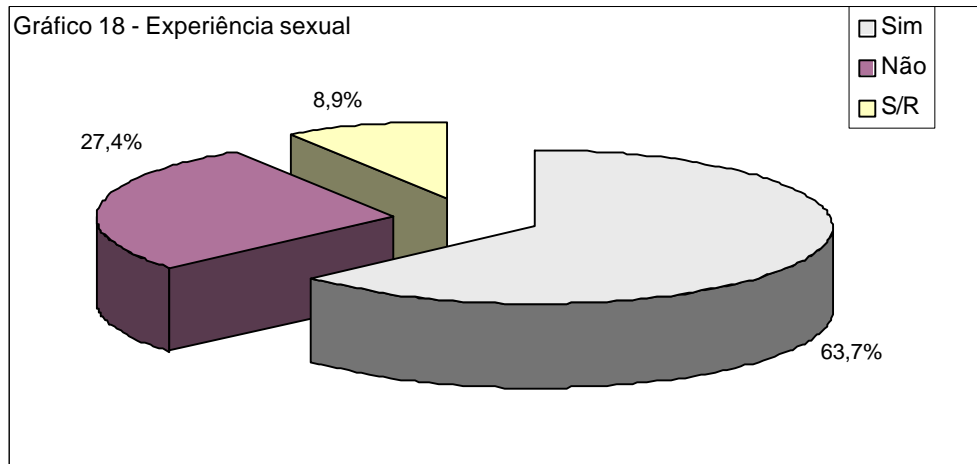
Participação	Referências	
	N	%
1 - Participa na vida política da universidade	36	6,0
2 - Participa em alguma actividade cívica	85	14,2
3 - Participa na vida política local	62	10,4
4 - Tem interesse pela vida política nacional	399	66,7
5 - Já alguma vez votou	517	86,5
Total da amostra	598	100,0

## Sexo

De acordo com os dados do gráfico 18, 63.7% dos alunos inquiridos já tiveram algum tipo de experiência sexual. Em 59.6% dos casos a primeira experiência ocorreu aos 18 ou menos anos de idade (cf. gráfico 19).

Os dados do quadro 8 mostram-nos que dos inquiridos que responderam afirmativamente: 92.3% repetiram a primeira experiência sexual; 72.0% tem relações com certa regularidade; 60.8% tem relações sempre com o mesmo parceiro/a; e 91.9% considera-se satisfeito/a com a sua sexualidade.

Existem variações entre os diferentes estratos criados, uma vez que os inquiridos do sexo feminino, os originários das aldeias e das vilas e os filhos de emigrantes referiram em menor número terem já tido algum tipo de experiências sexual.



Quadro 8 – Características das relações sexuais

Rel. sexuais	Respostas		%
	Total	Afirmativa	
1 - Repetiu a primeira experiência	349	322	92,3
2 - Tem relações sexuais com regularidade	357	257	72,0
3 - As relações foram sempre com o mesmo parceiro (a)	355	216	60,8
4 - Considera-se satisfeito (a) com a sua sexualidade	360	331	91,9

## 5. Notas conclusivas

Depois da apresentação dos dados importa aqui referir alguns aspectos que consideramos mais relevantes.

- Um primeiro aspecto que convém assinalar relaciona-se com as transformações da sociedade portuguesa e em especial com a democratização do sistema de ensino. Esta afirmação consubstancia-se, por um lado, no facto dos alunos serem originários de todos os níveis geográficos (aldeias, vilas e cidades) e de todos os estratos sociais e culturais e, por outro lado, na constatação de não existirem desvantagens do sexo feminino, uma vez que frequentam em maior

número a Universidade do que os alunos do sexo masculino. O equilíbrio, quanto a esta questão, ter-se-á dado na geração dos seus pais, uma vez que estes apresentam uma estrutura de habilitações muito semelhante. Este facto não tem uma tradução linear na ocupação dos lugares profissionais, já que as profissões de maior prestígio e rendibilidade são desempenhadas pelos homens, sendo que a condição doméstica é ainda bastante forte entre as mulheres.

- A ocupação dos tempos livres pelos alunos é bastante diversificada em função, quer das formas e meios utilizados, quer da intensidade com que as práticas têm lugar e, ainda, segundo a disparidade dessas práticas desenvolvidas pelos vários estratos de alunos. Importa referir que no preenchimento dos tempos livres a música, a televisão e o convívio com os amigos ocupam lugar de destaque sobre todas as outras formas.

- Quanto aos consumos culturais, os hábitos de leitura e a frequência de espectáculos ocupam lugar diminuto relativamente ao consumo de música e de programas televisivos. Sobre estes últimos, particularmente do tipo de música ouvida, predomina o consumo de produtos estrangeiros. Temos assim que os hábitos culturais dos estudantes universitários são fortemente dependentes dos “órgãos de comunicação de massas” e por conseguinte massificados, não se vislumbrando nenhuma tendência mais selectiva que pudesse distinguir os estudantes universitários daquilo que ocorre na sociedade homogeneizada por centros de decisão, muitos deles exteriores à realidade portuguesa. A prática desportiva segue as mesmas linhas, isto é, um elevado número de alunos (30.3%) não pratica qualquer desporto e quando tal prática se verifica, predominam as actividades mais populares.

- No que respeita às práticas religiosas e políticas, podemos dizer que elas se inserem na rotina típica da sociedade geral. Têm-se religião mas não se pratica, têm-se actividade política porque se vota. É, por conseguinte, fraca a participação religiosa e política dos estudantes universitários.

- Por último, a principal clivagem, quanto aos consumos culturais e quanto às práticas sociais, é nitidamente marcada pelo género e já não tanto por razões económicas e culturais da família de origem dos alunos.

Desta forma os dados indiciam três aspectos com algum significado: 1. democratização da sociedade portuguesa e consequente massificação do ensino superior dado que nele se encontram estudantes de todos os quadrantes (geográficos e sociais) e com posturas sociais e culturais diversas; 2. como resultado das trajectórias geográficas e sociais e das experiências vividas os estudantes tendem a desenvolver novas posturas já equidistantes das que caracterizam as dos seus grupos primários; 3. as condicionantes mais marcantes das práticas sociais e culturais são por um lado o género e por outro a tendência para uma certa homogeneidade de práticas por influência dos *mass media*.

Os fenómenos sociais encontram-se assim bastante complexificados pela multiplicidade de variáveis explicativas e ainda pela grande subjectividade resultante das representações e dos comportamentos sociais dos sujeitos.

## Bibliografia

Arroteia Jorge Carvalho; Martins, António Maria (1998). Inserção profissional dos diplomados pela Universidade de Aveiro: trajectórias académicas e profissionais. Aveiro: Univ. de Aveiro (Col. Univ. Hoje).

Bourdieu, Pierre (1980). *Le Sens Pratique*. Paris: Edit. de Minuit.

Bourdieu, Pierre (1989). *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel

Di Maggio, Paul (1987). “Classification in Art”. *American Sociological Review*, nº 52, pp. 440-455

Héran, Françoise (1987). La seconde nature de l'habitus: tradition sociologique et sens commun dans le langage sociologique. *Revue Française de Sociologie*, nº XXVIII, pp. 385-416.

Martins, António Maria (1998). "Lazer e consumos culturais dos estudantes universitários" in *VI Conferência de Sociologia de la Educación*. Zaragoza: Ino Reproducciones, SA, pp. 245-254.

Martins, António Maria; Arroteia Jorge Carvalho; Gonçalves, Maria Manuela (1999). *Práticas socioculturais e escolares dos estudantes universitários: estudo de caso*. Aveiro: Univ. de Aveiro (Col. Univ. Hoje).

Thompson, John (1990). *Ideology and Modern Culture: Critical Social Theory in the era of Mass Communication*. Cambridge: Polity Press.